

HITA, Maria Gabriela. *A Casa das mulheres n'outro terreiro*. Famílias matriarcais em Salvador-Bahia. Salvador: EDUFBA, 2014.

CAMILA RODRIGUES DA SILVA

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Marília,
São Paulo, Brasil

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v24i24p572-574

Maria Gabriela Hita é socióloga de formação pela Universidade Federal da Bahia (1985), fez mestrado em Ciências Sociais pela Flacso (Faculdade Latino Americana de Ciencias Sociales) – México (1988), doutorado em Ciências Sociais pela Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) (2004), e estudos pós-doutorais na Universidade de Manchester – Grã-Bretanha (2008). Suas áreas de atuação giram entorno dos estudos de gênero, sociologia da saúde, nupcialidade e família, política pública e população.

Seu livro reflete justamente sua extensa experiência acadêmica resultante de várias pesquisas, principalmente de sua tese de doutorado sobre famílias matriarcais. Seu estudo etnográfico longitudinal foi realizado entre os anos de 1992 e 2003, no nordeste de Amaralina, e analisa o modo de reprodução matriarcal na cidade de Salvador.

Para tanto, narra a vida de duas mulheres afrodescendentes, Mãe Dialunda e Dona Cida, e descreve duas extensas redes de parentesco matriarcal chefiadas por duas avós que vivem na pobreza urbana. Como metodologia, utiliza a interpretação hermenêutica das múltiplas narrativas dos mais diversos membros das duas redes matriarcais, entrevistas coletadas, observações das relações intergrupais e as transformações impressas no próprio espaço das casas.

Hita utiliza o termo *Casa* como sinônimo de família, e por isso seu título *A Casa das mulheres n'outro terreiro* faz uma referência à noção de terreiros de candomblé e também ao parentesco consanguíneo. E, ao mencionar que essas Casas ocorrem n'outro terreiro, remete o(a) leitor(a) ao domínio do parentesco, o doméstico, e o domínio da consanguinidade, que não se referem exclusivamente ao parentesco religioso ou espiritual na noção de terreiro de candomblé. A autora conecta, assim, os modos de vida e organização domésticos de grupos matriarcais ao campo simbólico e a

valores mais amplos de uma matriz cultural afro-americana compartilhada nesse contexto.

A Casa, segundo ela, precisa ser pensada a partir de inter-relações que as pessoas estabelecem entre si e com as outras casas que participam da sua rede de parentesco. E, como elementos centrais e constitutivos do que ela denomina matriarcalidade, estão os elementos que expressam a mobilidade das pessoas nas casas, associados ao exercício de práticas de consideração. Esse conceito se refere a um conjunto de relações domésticas e de parentesco que tem como centralidade a figura de uma mãe-avó, sendo esta centro das interações da rede consanguínea e *locus* de descendência e herança da família.

Desse modo, seu foco central é o papel de mães e avós e suas relações com seus filhos, netos e bisnetos, compreendendo e descrevendo as suas respectivas variações de gênero e geração, observando como essas relações se traduziram na circulação constante de pessoas pelas casas das redes de parentesco. Figura ainda como seu objetivo observar como os movimentos estruturais e físicos das próprias casas imprimiram e marcaram a presença do princípio que atua sobre a vida de seus membros.

Ela denomina esse princípio relacional de matrifocalidade, algo fundamental para a constituição da identidade e o curso de vida de cada uma das duas redes de parentesco, remetendo à ideia de um sistema em que as mulheres e mães são os pontos focais dos sistemas de parentesco e da força que elas exercem sobre seus filhos e netos, que depende também do poder simbólico da Casa e da autoridade que exercem sobre os outros. Essa força é denominada pela autora como Força Simbólica Circulante (FSC), como metáfora analítica da ideia de mãe-de-todos, baseada em ideias afro-brasileiras.

Ao realizar a descrição densa e detalhada das duas etnografias familiares e das Casas, Hita pretende lançar uma nova compreensão sobre famílias matrifocais e pobres que ainda tendem a ser vistas como desorganizadas, interferindo principalmente nas concepções dos legisladores das políticas públicas nas áreas de combate à pobreza, à violência doméstica e as habitacionais.

Ao utilizar o formato de peça teatral nos dois capítulos etnográficos, a autora intercala as cenas, descrevendo com mais detalhe alguns personagens principais em cada grupo familiar. Dessa forma, a leitura torna-se cada vez mais instigante a(o) leitor(a), uma vez que são apresentadas diferentes vozes sobre um mesmo fato na descrição das trajetórias desses dois grupos de parentesco.

No capítulo I, a autora apresenta os pressupostos metodológicos da pesquisa e os debates atuais que giram em torno das teorias do parentesco e da família, mais especificamente da classe trabalhadora do Brasil. Dialogando com autores nacionais e internacionais, Hita situa a complexidade de debates atuais, nos quais destaca algumas confusões e visões do senso

comum no uso variado de termos e categorias polissêmicas, como casa, lar, família, e que estão sendo utilizados na sociedade contemporânea.

Nos capítulos II e III, a autora apresenta, a partir de dados quantitativos, o contexto urbano de Amaralina, bairro de Salvador, estado da Bahia, onde o estudo se desenvolveu. Ela articula os dados sobre a cidade, o bairro, a vida cotidiana das famílias residentes neste, bem como as visões sobre a violência em um contexto de pobreza. O destaque ao tema violência foi evidenciado a partir da apresentação do contexto e de sua recorrência nas preocupações dos moradores e das famílias analisadas no estudo, chamando a atenção, ainda, para a chefia feminina na sociedade brasileira.

Nos capítulos IV e V, Hita constrói uma densa etnografia familiar a partir de dois tipos de família extensa matriarcal (negra) em um contexto de pobreza urbana, evidenciando multifacetados trechos narrativos de personagens e suas interações com a chefe do lar. Em suas análises sobre as narrativas, a autora utiliza o discurso dos informantes para acessar uma compreensão mais profunda sobre o estilo de vida da comunidade estudada e o arranjo familiar matriarcal em particular.

O capítulo VI se propõe a sintetizar inúmeras questões da pesquisa. Parte do pressuposto de que pessoas e grupos familiares não são passíveis de serem compreendidos por um único aspecto de sua vida, ou por intermédio de uma única matriz, e apresenta apenas uma versão de tantas outras possíveis. A casa pode ser vista como um dos mais importantes bens em circulação e é disputada pelos integrantes dessa configuração doméstica. Desse modo, a posição de destaque e o poder de decisão dessas duas matriarcas negras residem, entre outras coisas, no *mana* sobre a circulação desse dom precioso, sancionada pelo imaginário coletivo do direito de ter um lugar no mundo, uma casa.

Nas conclusões finais, Hita retoma aspectos centrais que foram abordados ao longo dos capítulos, destacando especificidades do tipo de modelo matriarcal descrito, e lança indagações relevantes a respeito do lugar que nele ocupariam homens e mulheres, em especial os filhos(as) das matriarcas.

autora

Camila Rodrigues da Silva

Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), pesquisadora do Laboratório Interdisciplinar de Estudos de Gênero (LIEG/Unesp/Marília) e do Grupo de Pesquisa em Cultura e Gênero (Unesp).

Recebido em 07/09/2015

Aceito para publicação em 26/01/2016